

Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política

Karin Kuhnen Vervuurt

**A INFLUÊNCIA DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO
NO PROCESSAMENTO DE INFORMAÇÕES SOBRE
CANDIDATOS HOMENS E MULHERES**

Dissertação apresentada como pré-requisito para a
obtenção do título de Mestre em Ciência Política
pela Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Mathieu Turgeon
Área de Concentração: Política e Instituições

Brasília
2017

*"The game of science is, in principle, without end.
He who decides one day that scientific statements do
not call for any further test, and that they can be
regarded as finally verified, retires from the game."*

Karl Popper

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos meus pais, que sempre me apoiaram durante minha trajetória e sempre acreditaram nos meus sonhos e na minha capacidade de realizá-los. Gostaria de agradecer imensamente ao meu orientador Mathieu Turgeon, que me recebeu na Universidade de Brasília e acreditou em mim mesmo ainda sem saber quem eu era. Agradeço pela paciência, confiança, atenção e seriedade com as quais você conduz o seu trabalho.

Quero agradecer também aos amigos que fiz em Brasília e aos amigos de longa data pelo apoio, companheirismo, pelas risadas e pelos conselhos que tornaram minha caminhada mais leve e divertida. Em especial, gostaria de agradecer aos amigos do Lapcipp e aos amigos do Resocie, que me acompanharam de perto todo esse tempo e fizeram parte da minha formação. Vocês são demais.

Por fim, gostaria de agradecer a todas as outras pessoas que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha história e me inspiraram a continuar seguindo em frente.

Resumo

Eleições recentes têm visto uma onda de candidatas mulheres concorrendo a cargos políticos locais, estaduais e nacionais. No entanto, a sub-representação política das mulheres persiste no mundo todo. Os estudos que tentam compreender os motivos da dificuldade da entrada das mulheres na política são numerosos, porém seus achados costumam ser contraditórios e ainda não conseguiram fornecer explicações suficientes sobre a desigualdade nos níveis de representação política entre homens e mulheres. Uma das explicações possíveis para essa dificuldade seria a existência de estereótipos de gênero pelos quais os indivíduos julgam as candidatas mulheres. Entre os achados mais persistentes está a ideia de que os eleitores esperam que mulheres e homens candidatos possuam competências políticas diferentes. Espera-se que mulheres sejam melhores em políticas que lidam com a compaixão e com o cuidado de outras pessoas, como educação, saúde e redução da pobreza e que homens sejam melhores em políticas que necessitam de força e assertividade, como crime, violência e política externa. O presente trabalho faz o teste dessas hipóteses no contexto eleitoral brasileiro. Os resultados mostram que a relação entre os estereótipos de gênero e as candidatas mulheres é bastante complexa e que não segue o caminho proposto por parte da literatura. Apesar das mulheres candidatas serem, a primeira vista, percebidas como melhores em questões políticas que envolvem compaixão, esse fato não parece influenciar as decisões eleitorais. O mesmo ocorre com os candidatos homens. É possível que os estereótipos utilizados na compreensão das mulheres "comuns" não sejam os mesmos para as mulheres da vida pública e cargos de liderança.

Palavras-chave: Gênero e eleições, estereótipos de gênero, psicologia política, comportamento eleitoral.

Abstract

Recent elections have seen a surge of female candidates running for office at the local, state, and national level. However, women's political underrepresentation persists all over the world. Studies that try to understand the reasons for the difficulty of women entering politics are numerous, but their findings are often contradictory and have not yet been able to provide sufficient explanations for the inequality in the levels of political representation between men and women. One of the possible explanations for this difficulty would be the existence of gender stereotypes by which individuals judge women candidates. Among the more persistent findings is the idea that voters expect women and men candidates to have different political competencies. Women are expected to be better at policies that deal with compassion and caring for others, such as education, health, and poverty, and for men to be better at policies that require strength and assertiveness, such as crime, violence, and foreign policy. This paper tests these hypotheses in the Brazilian electoral context. The results show that the relationship between gender stereotypes and female candidates is quite complex and does not follow the path proposed by the literature. Although women candidates are, at first glance, perceived as better at political issues involving compassion, this fact does not seem to influence electoral decisions. The same goes for male candidates. It is possible that the stereotypes used in understanding "ordinary" women are not the same for women in politics and leadership positions.

Keywords: Gender and elections, gender stereotypes, political psychology, electoral behavior

Sumário

Introdução	8
Ativação e Aplicação dos Estereótipos	11
Estereótipos na Política	13
Estereótipos no Processamento de Informação	15
Psicologia Política Comparada	16
Hipóteses	17
Metodologia e Coleta de Dados	18
Estudo 1 - Competências Políticas e Traços de Personalidade	22
Estudo 2 - Estereótipos de Gênero, voto e ideologia	25
Discussão	30
Bibliografia	32

Anexos

Anexo 1 - Questionários do Estudo 1	38
Anexo 2 - Tabelas Estudo 2 (separada por gênero dos respondentes) ...	39
Anexo 3 - Artigos de Jornal do Experimento	42

Introdução

Cada vez mais mulheres têm se candidatado para cargos políticos locais, estaduais e nacionais. Conforme o número de candidatas do sexo feminino aumenta, maior é o interesse dos pesquisadores em compreender de que maneira os eleitores estão reagindo a entrada das mulheres em um campo, até então, dominado somente pelos homens. O que se sabe é que os níveis de representação feminina na política ainda são baixos no mundo todo, especialmente nos cargos de âmbito nacional (Bird, 2003). Os achados da literatura sobre gênero e candidatos são bastante contraditórios e ainda não conseguiram fornecer explicações suficientes sobre a desigualdade nos níveis de representação política entre homens e mulheres.

Explicações sobre a sub-representação das mulheres na política incluem vários fatores, como barreiras elevadas para entrar na política eleitoral (Lawless and Fox 2005; Niven 1998; Sanbonmatsu 2002) e a escassez de candidatas (Sanbonmatsu, 2002). No entanto, estudos mais recentes vem mostrando que esses obstáculos estão diminuindo (Burrell, 2005; Fox, 2006; Seltzer, Newman, Leighton 1997; Burrell and Frederick, 2006). O número de mulheres candidatas não só tem aumentado, como também as mulheres estão participando de corridas eleitorais bastante competitivas e bem financiadas, mas a paridade entre os gêneros ainda não foi alcançada. Os estudos sobre as barreiras institucionais são de grande importância para compreender essa disparidade entre os gêneros, entretanto, apresentam algumas limitações em relação a outros fatores que podem influenciar o sucesso das candidatas mulheres na política. As explicações sobre a sub-representação das mulheres na política serão incompletas caso não existam também análises relativas aos processos de escolha individuais em face de candidatas mulheres.

São numerosos os estudos que analisaram que de maneira os estereótipos de gênero poderiam afetar esses processos de escolha e serem, talvez, os culpados pela dificuldade das mulheres em alcançar cargos políticos. Algumas evidências sugerem que os estereótipos de gênero reduzem o apoio a candidatas mulheres (Leeper, 1991; Fox & Smith 1998), outras sugerem que os estereótipos de gênero ajudam as candidatas mulheres (Fridkin & Kenney, 2009; Dolan, 2010) e ainda, outras sugerem que os estereótipos de gênero não tem nenhum efeito discernível no apoio às candidatas mulheres (Brooks, 2011; Huddy & Capelos, 2002). Os resultados contraditórios mostram que ainda não está claro que papel desempenham os estereótipos de gênero nas avaliações eleitorais das candidatas.

Entre os achados mais persistentes sobre a influência dos estereótipos de gênero na política está a ideia de que os estereótipos fazem com que os indivíduos associem determinados assuntos políticos mais a mulheres e outros mais a homens (Leeper 1991; Kahn 1992; Huddy & Terkildsen 1993; Alexander & Andersen 1993; Lawless 2004). Esses estudos demonstraram que os indivíduos avaliam candidatos

de formas diferentes com base nos estereótipos de gênero: mulheres candidatas são vistas como possuidoras de mais traços femininos, como emotividade, compaixão e passividade e menos traços masculinos, como agressividade, assertividade e racionalidade, por consequência, são melhores para lidar com questões políticas que envolvem compaixão (cuidar dos idosos, crianças, ajudar aos pobres) e direitos das mulheres; candidatos homens são percebidos como melhores para lidar com a violência urbana, questões de defesa nacional e política internacional.

Ainda mais recente, o trabalho dos autores Ditonto, Hamilton & Redlawsk (2013) apontou que os estereótipos de gênero podem influenciar o padrão de buscas por informações sobre os candidatos. Os resultados da pesquisa mostraram que, no caso das candidatas mulheres, as buscas por informações estão mais fortemente associadas a competência possuída pelas candidatas e também informações relacionadas a questões de compaixão (ajuda aos mais pobres, cuidados com idosos, educação de crianças), temas geralmente associados com o gênero feminino. Dessa forma, a pesquisa dos autores reafirmou a ideia de que a influência dos estereótipos se dá nas associações entre determinados assuntos com mulheres e outros assuntos com homens.

Outra questão que persiste nos trabalhos sobre estereótipos e política é a que as mulheres são mais progressistas e de esquerda que os homens candidatos. Pesquisas utilizando amostras de estudantes universitários, como também amostras mais representativas, encontraram que os eleitores enxergam as mulheres candidatas, independentemente do partido, como mais progressistas que os homens (Alexander & Anderson, 1993; Huddy & Terkildsen, 1993a; King & Matland, 1999; McDermott, 1998). Os estudos de Koch mostraram (2002, 2000), inclusive, que as mulheres de ambos os partidos são vistas como mais progressistas do que os homens de mesmo partido, e ainda, que são vistas como mais liberais do que realmente são.

O presente trabalho se baseia nas mesmas perspectivas teóricas das pesquisas citadas acima. É preciso compreender de que maneira os estereótipos podem estar afetando os processos de escolha dos eleitores e em que ocasiões isso ocorre. Essas questões já são exploradas pela literatura americana há muitos anos, porém no Brasil ainda não existem estudos dessa natureza. O teste de hipóteses em outros contextos culturais é parte importante na validação e possível generalização das teorias propostas.

Evidências sugerem que os processos psicológicos dos indivíduos podem ser muito diferentes dependendo do contexto cultural no qual esse indivíduo está inserido (Fiske, Kitayama, Markus & Nisbett, 1998). A premissa básica que orienta essa ideia é a de que para que um indivíduo possa participar de qualquer mundo social, é necessário que ele incorpore modelos culturais, significados e práticas em seus processos psicológicos. Dessa forma, muitos dos resultados encontrados pelos psicólogos sociais ou outros estudiosos de processos mentais tidos como "ele-

mentares" podem ser apenas função de uma estrutura cultural específica (Fiske, Kitayama, Markus & Nisbett, 1998). É importante compreender então, como determinados processos mentais poderiam se desenrolar em outros contextos, tentando separar e analisar o que seria específico de cada cultura e o que poderia ser entendido como universal, atingindo uma maior percepção sobre o funcionamento dos processos mentais.

Assim, o primeiro ponto a ser explorado por esse trabalho será analisar se no contexto brasileiro os indivíduos também tem expectativas sobre as competências políticas e traços de personalidade baseadas no gênero dos candidatos. A literatura encontra que mulheres candidatas são percebidas como mais aptas para lidar com problemas políticos "femininos" e os homens com políticas "masculinas". Então, antes de analisar as possíveis consequências eleitorais desses estereótipos, é preciso saber se esses estereótipos de fato existem na cabeça do eleitor brasileiro. Assim, a primeira pergunta que orienta esse trabalho é: *No contexto brasileiro, os indivíduos fazem atribuições de competências políticas e traços de personalidade baseados no gênero dos candidatos?*

O segundo ponto que pretendo analisar nesse trabalho é de que maneira essas possíveis atribuições baseadas nos gêneros podem influenciar o comportamento eleitoral dos indivíduos. De maneira mais específica, como os eleitores tomariam suas decisões em um contexto no qual uma candidata mulher e um candidato homem apresentam diferentes propostas para resolver questões tidas como "femininas" ou "masculinas". O objetivo é analisar se a maior competência atribuída aos candidatos nos temas "masculinos" e "femininos" vai de fato influenciar na decisão dos respondentes quando forem votar. *Será que em uma eleição na qual a maioria dos assuntos discutidos são femininos a candidata mulher teria vantagem? Ou seja, ganharia mais votos? E quando a maioria dos assuntos são masculinos? As mulheres candidatas receberiam menos votos?*

Outro ponto a ser analisado é se no Brasil as mulheres candidatas também são percebidas como mais de esquerda que os homens. Segundo a literatura, as mulheres são sempre percebidas como mais de esquerda que os homens, mesmo quando estão no mesmo partido, como também, são percebidas como mais de esquerda do que realmente são. Sendo assim: *As mulheres candidatas são vistas como mais de esquerda que os homens candidatos? Mesmo quando estão defendendo políticas mais à direita que o candidato homem? Ou mesmo quando os dois candidatos estão mais à direita? Elas são vistas como mais de esquerda do que realmente são?*

O último ponto será explorar como os estereótipos de gênero podem influir no processamento de informações sobre os candidatos, mais especificamente, como os estereótipos podem agir na memória dos respondentes. A memória é fator essencial no processamento de informações e tomada de decisão. Fazer a avaliação das

informações sobre os candidatos para tomar uma decisão depende da capacidade do eleitor em recuperar essas informações que ele possui (Lodge, 1995).

Alguns fatores podem interferir no processo de recuperação de informações, como por exemplo, os estereótipos. Alguns estudos sugerem que os estereótipos podem enviesar o processamento de novas informações, mantendo o sistema de crenças já existente. As informações que confirmam o estereótipo são mais facilmente mantidas e lembradas pelo indivíduo, pois estão em conformidade com o que o observador já acredita ser verdadeiro e diminuem os custos de processamento (Hamilton, Sherman & Ruvolo, 1990). Dessa forma, se torna importante analisar se os estereótipos agem na memória dos eleitores quando estes estão avaliando candidatos homens e mulheres. A intenção aqui é compreender se: *as informações sobre os candidatos recebidas pelos indivíduos são mais facilmente lembradas quando as mesmas estão em conformidade com os estereótipos de gênero? Ou seja, as opiniões políticas de uma candidata do sexo feminino sobre questões “femininas” são mais salientes na memória do que as opiniões sobre questões políticas “masculinas”? E no caso dos candidatos homens? As opiniões dos homens são mais facilmente lembradas quando são sobre assuntos “masculinos”?*

As próximas sessões do presente trabalho discutirão brevemente a literatura sobre os estereótipos e os principais achados sobre as consequências dos estereótipos de gênero na política eleitoral e também no processamento de informações. Além disso, também será feita uma breve discussão sobre a importância do teste de hipóteses em contextos culturais diversos. Logo após, serão explicitadas as hipóteses desenvolvidas com base na literatura apresentada e a metodologia utilizada nos testes dessas hipóteses. Ao final, serão apresentados os resultados encontrados e a discussão referente aos resultados.

Ativação e Aplicação dos Estereótipos

A adaptação humana ao ambiente desafiador e complexo em que vivemos, muitas vezes, levou ao desenvolvimento de diversas ferramentas que facilitam a execução de tarefas cotidianas, mas necessárias, deixando mais tempo disponível para outras atividades mais interessantes, ou talvez, mais gratificantes. Podemos supor, como vários psicólogos já fizeram, que o desenvolvimento de ferramentas físicas, como o arado ou os potes de barro, ocorreram paralelos ao desenvolvimento de “ferramentas” cognitivas ou estratégias de inferências e avaliações que permitem uma análise suficientemente eficaz do ambiente social (Macrae, Milne, & Bodenhausen, 1994).

Os estereótipos são frequentemente definidos como dispositivos que poupam energia e simplificam o processamento de informação e geração de respostas (Bodenhausen & Lichtenstein, 1987). Tentar processar as pessoas sempre dentro de

sua singularidade seria um exercício que consumiria bastante tempo e esforço. Em contraste, a utilização dos estereótipos se baseia apenas na capacidade de atribuir pessoas a categorias sociais significativas (Hamilton, 1979). Uma vez que essa atribuição é feita, ela fornece várias informações estereotipadas. A capacidade de compreender indivíduos desconhecidos e únicos a partir de crenças gerais e habituais é certamente uma ferramenta muito útil no “kit” do percebido social (Hamilton, 1981).

Diferentemente do que se acredita no senso comum, a estereotipização não é necessariamente um julgamento negativo sobre determinado indivíduo que faz parte de uma categoria. Em muitos casos, são simplesmente dispositivos de poupança de energia que possuem a importante função cognitiva de simplificar o processamento de informação (Macrae and Bodenhausen 2001). Entretanto, em outros casos, estereótipos podem levar a uma simplificação excessiva dos conceitos e avaliações erradas de sujeitos pertencentes a essas categorias sociais. Um bom exemplo disso acontece quando as avaliações de candidatos a certos empregos são fortemente baseadas em estereótipos, favorecendo os homens para fazer trabalhos que estes geralmente fizeram (Tosi & Einbender, 1985). Dessa forma, a estereotipização se torna problemática quando os estereótipos levam a expectativas e julgamentos que restringem as oportunidades na vida de membros de categorias sociais.

É importante lembrar, no entanto, que existe diferença entre a ativação de um estereótipo e a aplicação de um estereótipo (Fiske & Neuberg, 1990). Muitos pesquisadores defendem que a ativação de um estereótipo é uma consequência automática e inevitável do encontro com o objeto desse estereótipo. Como argumenta Allport (1954, p. 21) “Cada evento tem certas marcas que servem como sugestão para trazer determinadas categorias de preconceito em ação. Uma pessoa de pele marrom escura ativará qualquer conceito de negro dominante em nossa mente.” Em contraste, a aplicação do estereótipo acontece quando o indivíduo se utiliza desse conhecimento para perceber e julgar outros indivíduos (Kunda & Spencer, 2003). Logo, a aplicação de um estereótipo depende do estereótipo ser ativado na mente do indivíduo, mas não necessariamente a ativação causa a aplicação.

A aplicação dos estereótipos depende de alguns fatores, como por exemplo, a falta de habilidade ou motivação para pensar mais profundamente sobre os membros de grupos estereotipados (Bodenhausen, 1987). A principal ideia que surge desses estudos é a de que quando o ambiente de processamento atinge um nível de dificuldade suficiente e os recursos do percebido estão esgotados, os estereótipos são provavelmente ativados e aplicados em tarefas de julgamento (Gilbert & Hixon, 1991). Além disso, informações muito complexas, informações escassas, limitação de tempo ou pressões exteriores também são fatores que podem influenciar a aplicação dos estereótipos (Gilbert & Hixon, 1991; Macrae, Milne, & Bodenhausen, 1994).

É possível dizer que a decisão do voto se encaixa nesses parâmetros. Durante as eleições os indivíduos são sobrecarregados com muitas informações sobre vários candidatos, tornando difícil o processamento cuidadoso de cada uma dessas informações. Ademais, os eleitores nem sempre estão cientes do que é o governo ou do que o governo faz, e também, não sabem exatamente qual é a relação entre as ações do governo e os resultados em suas vidas particulares (Downs, 1957). Então, é comum que os indivíduos utilizem estratégias no processamento de informações que tornem o trabalho menos complexo. Essas estratégias de processamento de informação não se restringem aos estereótipos. Outros possíveis atalhos que podem ser empregados são o partido do candidato, seus traços de personalidade, sua aparência, entre outros. Entretanto, nesse trabalho o foco será somente no uso do atalho dos estereótipos de gênero em situações de processamento de informação e tomada de decisão.

Estereótipos na política

No decorrer do desenvolvimento da literatura sobre mulheres candidatas a cargos eletivos, os cientistas políticos demonstraram que o público olha para as mulheres e homens presentes na política de formas estereotipadas. As avaliações estereotipadas dos líderes políticos costumam se concentrar em três grandes áreas: ideologia, características de personalidade e especialização em questões políticas (Dolan 2006).

No caso da ideologia, um dos estereótipos mais aplicados às candidatas e líderes mulheres é que elas são mais progressistas que os homens. Estudos com metodologias e amostras diversas encontraram que os eleitores enxergam as mulheres como mais progressistas do que os homens, independentemente do partido (McDermott 1998; Huddy & Terkildsen 1993). Mesmo as mulheres filiadas a partidos conhecidos por serem conservadores são vistas como mais progressistas do que os homens de mesmo partido. Um dos aspectos mais interessantes dessa linha pesquisa é que existem evidências significativas que mostram que as mulheres de fato são mais progressistas do que os homens (Dodson 2002) e que nesse caso os estereótipos possuídos pelo público estão em conformidade com o real comportamento político feminino. Entretanto, outros trabalhos mostraram que as mulheres não são vistas só como mais progressistas que os homens, mas também são vistas como mais progressistas do que realmente são (Koch 2002), e essa visão imprecisa sobre as mulheres candidatas pode ter consequências significativas nas votações.

Outra maneira de estereotipização das mulheres candidatas acontece através da atribuição de certas características a elas. Os achados mostram que os indivíduos veem as mulheres candidatas como mais passivas, amáveis, compassivas e calorosas, enquanto os homens são vistos como mais fortes, diretos, assertivos e mais bem

informados (Huddy & Terkildsen 1993; Kahn 1992; Leeper 1991). Outros achados mostram ainda que mulheres candidatas são avaliadas como calorosas e afetuosas mesmo quando as mesmas estão passando mensagens mais duras e “masculinas” para o público (Leeper 1991; Sapiro 1982).

A grande preocupação em torno dessas atribuições de características “femininas” para as candidatas mulheres é que as habilidades que o público geralmente considera como importantes para cargos políticos são aquelas consideradas “masculinas”, como força e assertividade. Estudos experimentais mostraram que os indivíduos costumam valorizar mais os traços tidos como “masculinos” quando perguntados como um “bom político” deve ser. Além disso, o público também considera que as características mais “masculinas” são ainda mais importantes quando os cargos passam de locais para nacionais (Huddy & Terkildsen 1993).

O terceiro tipo de estereótipo que os eleitores costumam atribuir às mulheres é um conjunto de crenças sobre os interesses e especialidades políticas das candidatas. É comum que os indivíduos transfiram os estereótipos de gênero para suas expectativas em relação aos traços e comportamentos de homens e mulheres candidatas. Para os indivíduos, como as mulheres são mais emocionais e sensíveis, estão mais aptas para lidar com questões políticas que envolvem compaixão, ou seja, pobreza, saúde, idosos, educação, crianças e problemas familiares. Já os homens, seguindo a mesma lógica, são vistos como mais aptos para lidar com questões que envolvem violência urbana, defesa, empresas, forças armadas, política internacional e agricultura (Alexander & Andersen 1993; Huddy & Terkildsen 1993; Kahn 1992; Koch 1999; Lawless 2004; Leeper 1991). Esses estereótipos usados pelo público levantam algumas preocupações. Em alguns casos, pode ser prejudicial para as mulheres candidatas serem julgadas a partir dessas expectativas em relação às suas especialidades políticas. Por exemplo, se as mulheres não são percebidas como competentes para lidar com a violência urbana ou com questões de política internacional, os eleitores que são essencialmente preocupados com esses temas podem rejeitar as candidatas por acharem que elas são impróprias para o trabalho. Além disso, as candidatas mulheres podem correr o risco de serem vistas como interessadas somente em questões “femininas” (Larson, 2001; Witt, Paget & Matthews, 1994).

No entanto, em outros momentos, os estereótipos de gênero podem funcionar a favor das candidatas. O trabalho de Herrnson, Lay e Stokes (2003) sugere que as mulheres podem sair favorecidas nas eleições quando competem se baseando no estereótipo feminino tradicional, mas somente em contextos nos quais esses atributos são valorizados pelos eleitores. Os resultados mostraram que mulheres candidatas que competiram com base em questões políticas tradicionalmente “femininas” e tiveram como maior alvo as eleitoras mulheres, se beneficiaram na competição pelos cargos. Ademais, mulheres candidatas são percebidas como mais honestas e

esforçadas que os homens, além de serem vistas como “outsiders” na política, fatos que podem ser favoráveis quando a insatisfação do público com o governo está alta (Alexander & Andersen 1993; Kahn 1996; Koch 1999).

Resta saber como exatamente ocorre a influência dos estereótipos de gênero nos julgamentos e nas percepções dos indivíduos. É preciso compreender todo o processo pelo qual os indivíduos passam na hora de tomar suas decisões e analisar o impacto que os estereótipos podem ter nesse processo. Os estudos sobre o efeito dos estereótipos no processamento de informação se mostram essenciais nesse caso.

Estereótipos no Processamento de Informação

Ao se deparar com um objeto ou pessoa sobre as quais não possuímos muitas informações, é comum tentar buscar “pistas” simples que nos deem maiores referências sobre esses objetos e pessoas. Os estereótipos funcionam como uma dessas possíveis pistas. Estereótipos nos fornecem pistas para compreender o outro, suas ações, seus traços e comportamentos. Estereótipos também dão base para a obtenção de novas informações e construção de julgamentos (Schneider & Blankmeyer, 1983). Em alguns casos, estereótipos tornam o mundo mais compreensível aos indivíduos, fornecendo pistas simples sobre os outros indivíduos e situações; em outros casos, estereótipos podem impedir a compreensão acurada desses indivíduos e situações.

O que acontece é que os estereótipos podem enviesar o processamento de novas informações, mantendo o sistema preexistente de crenças. As informações que confirmam o estereótipo serão mais facilmente mantidas e aquelas que não confirmam serão mais facilmente descartadas (Hamilton, Sherman & Ruvolo, 1990). Além disso, os estereótipos podem ser ativados em um momento de recuperação de memórias, selecionando as informações consistentes com os estereótipos com mais facilidade. Dessa forma, se as informações relembradas seguem o padrão do estereótipo, os julgamentos do indivíduo serão enviesados a partir das expectativas trazidas pelo estereótipo. O viés da congruência pode se tornar ainda maior quando os percebedores se deparam com informações relevantes sobre estereótipos em contextos cognitivamente exigentes (Bodenhausen & Lichtenstein, 1987).

Por que as informações consistentes com o estereótipo são mais prováveis de serem lembradas? Em primeiro lugar porque elas estão em conformidade com o que o observador já acredita ser verdadeiro, dessa forma, elas são mais simples de serem processadas, ou seja, diminuem os custos de processamento. Em segundo lugar porque as informações consistentes se “encaixam” mais facilmente na estrutura cognitiva existente, podendo desencadear mais inferências sobre o objeto de análise (Hamilton, Sherman & Ruvolo, 1990).

Evidências contrárias a essas afirmações também foram encontradas. Srull

e Wyer (1989) mostram em seu trabalho que informações inconsistentes com as expectativas são mais facilmente lembradas do que as consistentes com as expectativas. A explicação para esse efeito é que como as informações não consistentes não conseguem ser encaixadas nas expectativas, o indivíduo precisa parar para pensar na inconsistência em relação ao resto das informações. Achados posteriores a esse estudo sugerem, entretanto, que essa perspectiva possui alguns limites. Estereótipos possuem maior impacto nos julgamentos que requerem informações em grandes quantidades e de grande complexidade (Hamilton, Driscoll & Worth, 1989). A confiança nos estereótipos na hora de fazer julgamentos serve então como uma estratégia heurística, facilitando o processo de tomada de decisão em situações difíceis e complexas.

Psicologia Política Comparada

A psicologia política é um campo acadêmico interdisciplinar que enfatiza a dimensão psicológica da vida política. Estudiosos da área utilizam construções psicológicas como personalidade, atitudes, crenças, valores, motivação e expectativas para explicar o comportamento político dos indivíduos e examinar a relação complexa entre a política e a psicologia. Em outras palavras, a psicologia política é, de maneira geral, a aplicação do que é sabido sobre a psicologia humana no estudo da política (Sears, Huddy, & Jervis, 2003).

Ao pegar emprestado os conceitos e esquemas de processos mentais desenvolvidos pela psicologia, é preciso compreender um importante debate interno entre os psicólogos sobre a universalidade desses conceitos e esquemas cognitivos. O desenvolvimento das teorias psicológicas se deu, em especial, na América do Norte e Europa, fato que levou vários pesquisadores a se perguntarem se as construções até então aceitas como universais não seriam mais variantes do que se imaginava, principalmente, porque muitas das tentativas de reproduzir experiências notáveis em outros contextos culturais tiveram sucesso bastante variado (Fiske, Kitayama, Markus & Nisbett, 1998).

Aos poucos começaram a surgir evidências de que os processos cognitivos podem ser bem diferentes em contextos distintos da América do Norte e Europa. Com os novos achados, pesquisadores começam a estudar também o funcionamento da formação mútua da cultura e da psique humana. Essa perspectiva aponta que os processos cognitivos, emocionais, motivacionais e comportamentais dos indivíduos são moldados através do engajamento desse indivíduo com o mundo cultural no qual ele está inserido. A psique, então, não é um conjunto de processos mentais autônomos, ela funciona e existe em conjunção com a cultura (Kimura, 1972).

Dessa forma, o estudo dos processos cognitivos humanos precisa considerar que diferentes contextos podem produzir diferentes respostas. O maior refinamento dos

estudos psicológicos pode ser conquistado através do estudo das diferenças cognitivas devidas à cultura, como também, do estudo dos possíveis processos mentais que podem ser considerados universais.

Hipóteses

Seguindo os achados de trabalhos anteriores, feitos em contexto americano, a primeira hipótese do trabalho tem por intenção analisar se, no Brasil, os indivíduos também julgarão as competências políticas dos candidatos a partir das expectativas trazidas pelos estereótipos de gênero. Trabalhos anteriores (Alexander and Andersen 1993; Huddy and Terkildsen 1993; Kahn 1992; Koch 1999; Lawless 2004; Leeper 1991) encontraram que os eleitores costumam acreditar que mulheres são mais competentes para atuar em questões políticas “femininas” e homens em questões “masculinas”. Além disso, esses trabalhos também encontraram que determinadas características psicológicas são mais associadas às candidatas mulheres e outras mais aos candidatos homens. Com base nisso:

***H1.** A candidata mulher será percebida como mais competente para lidar com questões políticas “femininas” e o candidato homem com questões “masculinas”.*

***H2.** A candidata mulher será percebida como tendo mais características psicológicas “femininas” e o homem mais características “masculinas”.*

A segunda hipótese pretende testar se, além dos indivíduos enxergarem mulheres como mais competentes em assuntos “femininos” também votariam nelas quando a maioria das questões discutidas são “femininas”. A intenção aqui é analisar se os estereótipos femininos podem oferecer vantagens em determinados contextos políticos, como apontam algumas literaturas. Os trabalhos de Dolan (1998), Paolino (1995) e Plutzer and Zipp (1996), apontaram que quando as questões políticas “femininas” estão em maior evidência nas campanhas, isso pode trazer vantagens para as candidatas mulheres, especialmente entre as eleitoras mulheres. Dessa forma:

***H3.** Quando as questões políticas mais discutidas forem sobre problemas “femininos”, a candidata mulher receberá mais votos e o homem menos. Quando as questões forem mais “masculinas”, a mulher terá menos voto do que o homem.*

A literatura também sugere que as mulheres eleitoras são mais atraídas pelas

mulheres candidatas, pois as eleitoras acreditam que essas candidatas terão preocupações com temas mais importantes para as mulheres, como assédio sexual, aborto, direitos das mulheres, entre outros. Então:

***H4.** Os votos para a candidata mulher em contexto favorável virão especialmente das mulheres respondentes.*

A literatura americana encontra ainda que estereótipos ligados à ideologia também são aplicados às candidatas mulheres. Os achados indicam que candidatas e líderes políticas mulheres são consideradas pelo público como mais progressistas do que os homens, independente do partido (McDermott 1998; Huddy and Terkildsen 1993). Inclusive, mesmo quando as mulheres fazem parte de partidos conservadores, são vistas como mais progressistas do que os homens do mesmo partido. Também existem evidências significativas que mostram que as mulheres eleitoras costumam ser, de fato, mais progressistas do que os homens (Dodson 2002). A partir disso:

***H5.** A candidata mulher será apontada pelos respondentes como sendo mais progressista do que o homem candidato.*

A sexta hipótese visa a compreensão de como os estereótipos de gênero podem influenciar o processamento de informações sobre os candidatos, em especial, como podem influenciar a memória. De acordo com as literaturas citadas, informações que estão em confluência com os estereótipos são lembradas de maneira mais fácil e as que divergem das expectativas dos estereótipos são geralmente esquecidas. Sendo assim:

***H6.** É esperado que o posicionamento da candidata mulher nas questões mais fortemente associadas com o gênero feminino sejam mais facilmente lembrados. E o posicionamento do candidato homem nas posições “masculinas”.*

Metodologia e Coleta dos Dados

O teste das hipóteses foi feito através de dois diferentes estudos com duas diferentes metodologias. As primeiras duas hipóteses, sobre os traços de personalidade e as competências políticas dos candidatos, foram testadas através de um survey aplicado online. As hipóteses restantes foram testadas a partir da realização de um experimento aplicado também online, que continha dois grupos de tratamento.

Essa separação foi necessária por dois motivos: o primeiro é a falta de estudos feitos em contexto brasileiro sobre a aplicação de estereótipos de gênero em competências políticas dos candidatos. Há mais de uma década pesquisadores vem encontrando evidências de que os eleitores americanos julgam as competências políticas dos candidatos a partir da aplicação de estereótipos de gênero (Alexander and Andersen 1993; Huddy and Terkildsen 1993a; Kahn 1992; Koch 1999; Lawless 2004; Leeper 1991), como também seus traços de personalidade (Sapiro 1981/2; Williams & Best 1990; Leeper 1991; Kahn 1992; Shocket 1993; Brown, Heighberger, Huddy & Terkildsen 1993). Entretanto, ainda não existem dados coletados no Brasil que possam confirmar a existência de estereótipos de gênero relativos às competências políticas e traços de personalidade de candidatos homens e mulheres. Dessa forma, tornou-se necessário, primeiramente, identificar se esse padrão de aplicação dos estereótipos também ocorre entre os eleitores brasileiros antes de analisar as consequências dessa aplicação na vida eleitoral das mulheres, ou mais especificamente, no voto. O segundo é porque as perguntas sobre a competência dos candidatos e seus traços de personalidade poderiam afetar as respostas na segunda parte da análise, ou seja, na análise sobre as consequências das aplicações dos estereótipos no voto.

A divulgação da pesquisa foi realizada através da rede social Facebook, do aplicativo de mensagens WhatsApp e de e-mails. Era pedido que as pessoas respondessem a pesquisa e que passassem a mesma adiante para os amigos e familiares, por meio de compartilhamentos nas redes ou mensagens diretas. Essa técnica de amostragem, conhecida por snowball sampling, possui a grande desvantagem de fornecer dados pouco representativos, pois ela ocorre através das redes de contatos dos respondentes e super representa indivíduos com características semelhantes (Biernacki e Waldorf, 1981).

Tabela 1 - Distribuição da Amostra

	Survey	Tratamento 1	Tratamento 2	Brasil ¹
Sexo				
Mulher	53,2%	56,5%	48,2%	51,6%
Homem	46,7%	43,4%	51,7%	48,4%
Cor				
Branca	61,9%	63,4%	64,9%	45,5%
Parda	27,3%	29,3%	28,0%	45,0%
Preta	7,73%	7,14%	4,38%	8,6%
Outra	2,97%	0%	2,63%	0,9%
Região				
Centro-Oeste	48,2%	43,7%	51,2%	7,52%
Nordeste	10,1%	11,7%	3,41%	27,6%
Norte	5,35%	2,34%	5,98%	8,51%
Sudeste	29,7%	34,3%	34,1%	41,9%
Sul	6,54%	7,81%	5,12%	14,3%
Educação ²				
Sem Instr.	0,59%	0%	0,84%	11,7%
Fundamental	0,59%	0%	0,84%	41,5%
Médio	5,91%	4,68%	6,77%	29,5%
Superior	51,4%	53,9%	54,1%	16,19%
Pós ou mais	41,4%	41,4%	37,2%	
	(N = 182)	(N = 148)	(N = 137)	

Os primeiros indivíduos escolhidos para iniciar o processo de amostragem por cadeia de referência foram os familiares e amigos da autora. Podemos perceber que a amostra, de fato, sobrerrepresenta indivíduos com características semelhantes às da rede de contato da autora, ou seja, é uma amostra de maioria branca, residente na região Centro-Oeste, com ensino superior ou pós-graduação. Dessa forma, não se trata de uma amostra representativa da população brasileira, como podemos observar na tabela 1. O viés da presente amostra terá diferentes implicações em cada um dos estudos e serão discutidas em detalhes nas sessões específicas de cada

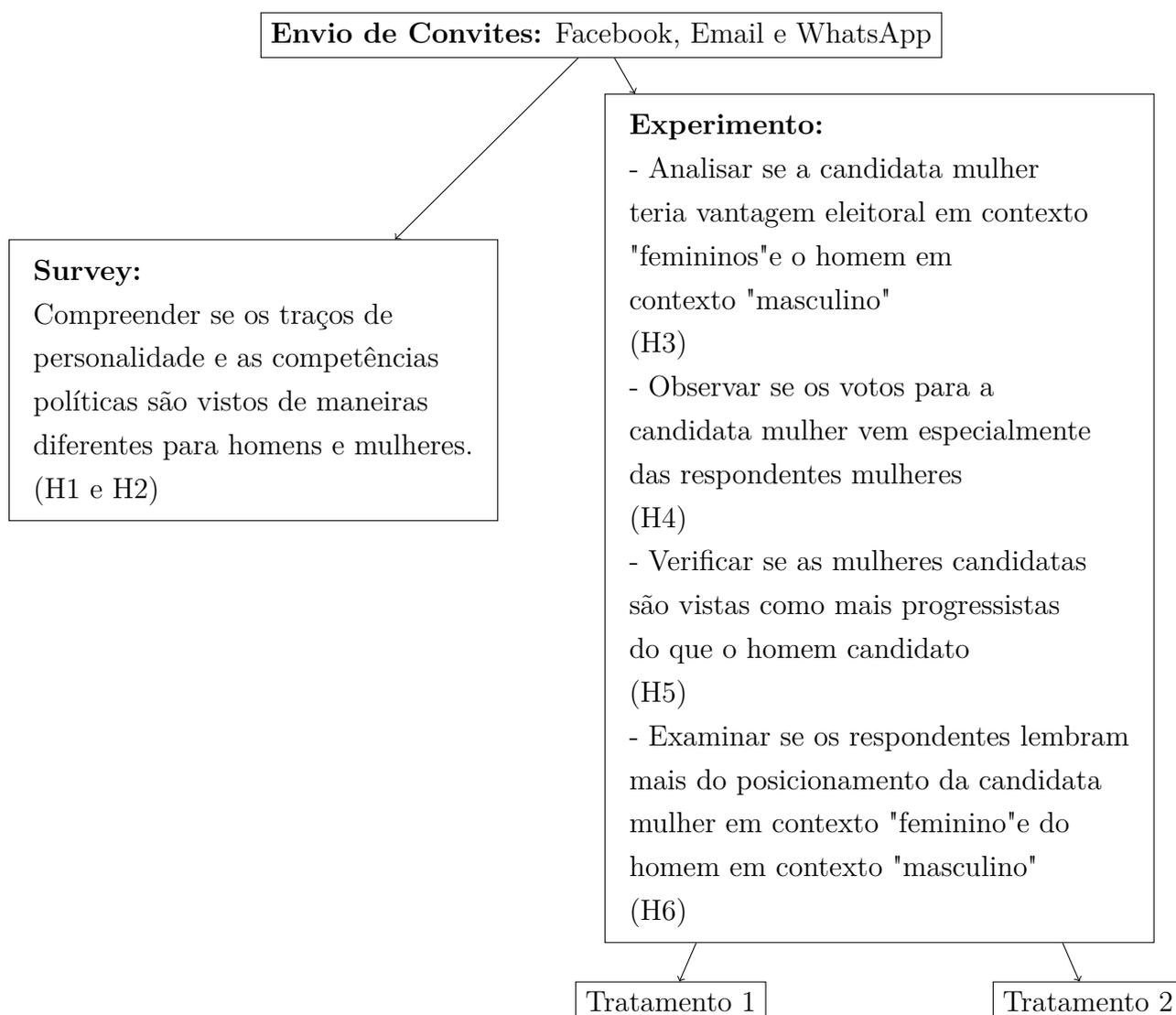
¹Dados PNAD 2014 - IBGE

²As porcentagens não são perfeitamente comparáveis pois utilizam amostragem de idade diferentes. Os dados da PNAD apenas consideram indivíduos com 25 anos ou mais. O presente estudo considera indivíduos de 16 anos ou mais.

estudo.

A designação dos respondentes para cada um dos dois estudos foi feita de maneira aleatória. Ao clicar no link da pesquisa o respondente foi direcionado ou para o survey ou para um dos grupos de tratamento do experimento. A aplicação do survey e do experimento foram feitas através da plataforma online SurveyMonkey. A coleta dos dados ocorreu do dia 13 de fevereiro de 2017 ao dia 20 de março de 2017. Ao todo foram coletadas 467 respostas, 182 responderam ao survey e 285 responderam o experimento – 148 tratamento 1 e 137 tratamento 2. O número de respostas totalmente completas do estudo foi de 337. Foram eliminadas do banco de dados as observações de respondentes que apenas abriram o survey ou o experimento e não responderam nenhuma pergunta³.

Figura 1: Diagrama explicativo do estudo.



³Foram eliminadas 3 obs. por serem de indivíduos menores que 16 anos, pois o presente estudo tem interesse apenas na população votante brasileira. Também foram eliminadas 28 obs. no tratamento 1 e 23 obs. no tratamento 2.

Estudo 1 - Competências Políticas e Traços de Personalidade

Nessa parte do trabalho o interesse é analisar se os respondentes do survey associam traços de personalidade e competências políticas particulares com mulheres ou homens candidatos. O questionário foi baseado no trabalho das autoras Alexander e Andersen (1993) e consistiu em pedir aos participantes que indicassem, em uma lista contendo questões políticas “femininas” e “masculinas”, se eles acreditam que um homem ou uma mulher candidata fariam um melhor trabalho lidando com essas questões. Logo após, foi pedido que os respondentes indicassem, em uma lista contendo traços de personalidade “femininos” e “masculinos”, se eles associavam as palavras mais com candidatos homens ou mulheres ⁴.

Resultados

A tabela 2 apresenta a lista das questões políticas e a porcentagem de respondentes que indicaram o candidato homem ou a mulher como mais capacitados. A tabela 3 apresenta a lista de traços de personalidade e a porcentagem dos respondentes que indicaram associar as palavras mais ao candidato homem ou a mulher⁵. Em frente de cada questão política e traço de personalidade foi colocado um (F) para indicar que na literatura são políticas e traços mais associados às mulheres e um (M) para indicar que são mais associados aos homens.

⁴Os questionários podem ser encontrados nos Anexos

⁵As tabelas separadas pelo gênero dos respondentes estão disponíveis nos Anexos

Tabela 2 - Competências Políticas dos Candidatos

	Mulher	Homem
Vantagem Feminina		
Educação (F)	92.31%	7.69%
Saúde (F)	89.56%	10.44%
Red. da Pobreza (F)	85.71%	14.29%
Dívida Pública (F)	67.58%	32.42%
Política Externa (M)	65.93%	34.07%
Violência Urbana (M)	51.65%	48.35%
Vantagem Masculina		
Seg. nas Fronteiras (M)	27.47%	72.53%
Forças Armadas (M)	30.22%	69.78%
Agricultura (M)	43.96%	56.04%

N=182

Tabela 3 - Traços de Personalidade dos Candidatos

	Mulher	Homem
Vantagem Feminina		
Compaixão (F)	94.89%	5.11%
Honestidade (F)	88.07%	11.93%
Independência (F)	66.48%	33.52%
Passividade (F)	66.48%	33.52%
Est. Emocional (M)	53.41%	46.59%
Racionalidade (M)	52.84%	47.16%
Liderança (M)	51.70%	48.30%
Vantagem Masculina		
Agressividade (M)	15.34%	84.66%
Força (M)	44.32%	55.68%

N=176

É possível perceber que os respondentes possuem crenças de que homens e mulheres possuem capacidades distintas em relação às políticas públicas e também traços de personalidade. Educação (92,31%), Redução da Pobreza (85,71%) e Saúde (89,56%) são percebidos como políticas melhores conduzidas por mulheres candidatas, com grande margem de diferença. Outras políticas como Política Externa (65,93%), Dívida Pública (67,58%) e Violência Urbana (51,65%) também foram vistas como melhores conduzidas por mulheres candidatas, porém com menor diferença, especialmente no caso da política Violência Urbana. É interessante notar que Política Externa foi percebida como uma política melhor conduzida por mulheres candidatas, diferentemente do que a literatura apresenta, no entanto a diferença é muito pequena. Por outro lado, os homens são percebidos como melhores para lidar com a Segurança nas Fronteiras (72,53%), Forças Armadas (69,78%) e Agricultura (56,04%), embora as margens percentuais sejam um pouco mais estreitas para as “vantagens masculinas”.

Em relação aos traços de personalidade as mulheres foram identificadas como mais Honestas (88,07%) e Compassivas (94,89%) com grande margem de diferença. Independência (66,48%) e Passividade (66,48%) também foram apontadas como características mais femininas, com boa diferença. A Racionalidade (52,84%) e a Estabilidade Emocional (53,41%) também apareceram como mais associadas à mulher, mas com diferença pequena. As características mais apontadas como masculinas foram a Agressividade (84,66%) com grande margem e a Força (55,68%) com menor margem.

Embora algumas políticas públicas e características de personalidade normalmente tidas como “masculinas” tenham sido apontadas como mais “femininas”, como mostram as tabelas 2 e 3, a grande diferenciação entre mulheres sendo vistas como mais compassivas e aptas para lidar com políticas de educação, saúde e redução da pobreza e os homens como mais agressivos e aptos a lidar com políticas de segurança e forças armadas, se manteve com percentuais altos. Inclusive quando foram separadas as respostas dos participantes homens e das participantes mulheres, as visões se mantiveram, com algumas poucas alterações. Dessa forma, podemos concluir que existem expectativas relacionadas aos gêneros sobre quais políticas são melhores conduzidas por mulheres ou por homens candidatos. Assim como também existem determinados traços de personalidade mais associados às mulheres candidatas e outros mais associados aos homens candidatos.

É preciso considerar, entretanto, que a amostra utilizada pelo presente estudo não é representativa da população brasileira. Dessa forma, não é possível generalizar os resultados aqui obtidos como se fossem o padrão de comportamento do eleitorado brasileiro. A opção por fazer este primeiro estudo se deu por conta da necessidade de saber se atribuições de competências políticas também estão relacionadas aos gêneros na cabeça dos eleitores brasileiros. O presente estudo, apesar

de não poder ser generalizado como comportamento comum, mostra sinais de que as atribuições de competência diferem sim dependendo do gênero do candidato. Resta saber como essas atribuições distintas podem influenciar resultados eleitorais. Será que em contextos nos quais as políticas mais discutidas são "femininas", as mulheres candidatas sairiam em vantagem? E em contextos de políticas "masculinas", mulheres candidatas estariam em desvantagem?

Estudo 2 – Estereótipos de gênero, voto e ideologia

Desenho Experimental

Os indivíduos do presente estudo foram convidados a participar de uma pesquisa sobre as opiniões políticas do eleitor brasileiro. A real intenção do estudo não pôde ser revelada aos respondentes porque, para compreender a influência dos estereótipos nas decisões, era preciso que os indivíduos não soubessem exatamente o que estava sendo avaliado.

A ideia do experimento foi simular uma eleição para prefeito de uma cidade brasileira. Os participantes foram aleatoriamente designados a dois diferentes grupos de tratamento. Um dos grupos simulava uma eleição em que todas as questões discutidas eram "femininas" (*contexto_fem*) e no outro grupo todas as questões discutidas eram "masculinas" (*contexto_masc*). A intenção desses grupos foi criar ambientes nos quais, hipoteticamente, a mulher ou o homem candidato teriam vantagem na competição. Dois candidatos fictícios foram utilizados, um homem e uma mulher: Maria de Oliveira e Francisco Martins. Foram atribuídos a esses candidatos alguns posicionamentos nessas questões "masculinas" e "femininas". Cada um deles se posicionou sobre qual a melhor maneira de enfrentar esses problemas políticos.

Os temas das questões políticas foram selecionados a partir dos achados da literatura sobre estereótipos de gênero e política. São eles: (1) temas "femininos": educação, saúde e redução da pobreza; (2) temas "masculinos": agricultura, violência urbana e segurança das fronteiras. As posições dos candidatos foram aleatorizadas entre posicionamentos mais centro-esquerda ou centro-direita para que ambos os candidatos se posicionassem a mesma quantidade de vezes tanto mais à esquerda quanto mais à direita.

O experimento começa com os respondentes recebendo um artigo de jornal falando sobre uma corrida eleitoral que aconteceu em um município brasileiro ⁶. O artigo de jornal menciona que as eleições nesse município chamaram muita atenção pela corrida acirrada entre dois principais candidatos e que três grandes problemas enfrentados pela cidade ficaram em maior evidência durante os debates eleitorais.

⁶Ver em Anexos

Os três grandes problemas tinham caráter "feminino" ou "masculino", como explicado acima.

Tabela 4 - Políticas dos tratamentos

<i>contexto_fem</i>	<i>contexto_masc</i>
Saúde	Violência Urbana
Educação	Agricultura
Red. da Pobreza	Seg. nas Fronteiras

Logo após, foram apresentados os dois candidatos fictícios como sendo os principais nomes concorrendo pela prefeitura da cidade. Não foram dadas muitas informações sobre os candidatos além do nome, nível de educação e cargo político. Apenas o nome foi diferente, ambos são casados, com educação superior e já foram deputados federais. Então, os respondentes receberam pequenos textos que continham as principais propostas desses candidatos para resolver esses maiores problemas que a cidade enfrenta. A ordem em que as propostas foram apresentadas também foi aleatorizada para que todos os temas pudessem aparecer em primeiro, no meio e em último, evitando qualquer efeito de ordem de apresentação (Shaughnessy, Zechmeister & Zechmeister, 2006).

Após terem recebido as propostas dos candidatos, foi pedido que os respondentes indicassem em qual dos dois candidatos eles votariam se as eleições fossem naquele momento.

Após indicarem em qual candidato votariam, os indivíduos responderam a pergunta sobre qual dos dois candidatos eles consideram mais de esquerda. Essa pergunta tem o objetivo de analisar se as mulheres são consideradas pelos eleitores como mais progressistas que os homens, como explicitado na hipótese 5. Depois os respondentes fizeram um ranqueamento das questões políticas que eles consideram as mais importantes até as menos importantes e também responderam a uma série de perguntas sobre conhecimentos políticos específicos do Brasil. Essas duas atividades serviram como distração para que os respondentes esquecessem por alguns minutos as informações sobre os dois candidatos, passo necessário para a realização da próxima etapa do estudo.

Na última etapa, os respondentes tiveram que relembrar as propostas defendidas por cada candidato. Foram dadas duas opções de posicionamento do candidato sobre cada um dos temas, contendo apenas uma opção correta. Aqui a intenção é analisar a hipótese seis do estudo. É esperado que as pessoas lembrem melhor as posições em conformidade com os estereótipos, ou seja, as posições da candidata mulher nas questões "femininas" e as posições do candidato homem nas questões

“masculinas”. O experimento se encerra com perguntas sobre as informações pessoais dos respondentes, como sexo, idade, escolaridade, cor e ideologia.

Resultados

A primeira análise feita com os dados experimentais foi para responder se a mulher candidata obteve vantagem eleitoral no contexto de políticas mais "femininas" e se o homem candidato obteve vantagem no contexto de políticas mais "masculinas". A vantagem eleitoral nesse caso foi medida através da votação, ou seja, compreende-se que obteve mais vantagem aquele que recebeu mais votos. Para o teste dessa hipótese foi utilizado o método de análise tabular de duas variáveis, sendo o tratamento (*fem ou masc*) a variável independente e o voto (*Maria ou Francisco*) a variável dependente.

Tabela 5 - Votação dos candidatos

	<i>contexto_fem</i>	<i>contexto_masc</i>	Total
Maria	43,9% (65)	55,5% (76)	49,4% (141)
Francisco	56,1% (83)	44,5% (61)	50,6% (144)
N	148	137	100%

Vemos que o resultado foi na direção contrária ao esperado, no qual o homem candidato recebeu mais votos no contexto "feminino" e a candidata mulher no contexto "masculino". É preciso verificar, no entanto, se o relacionamento entre essas duas variáveis possui significância estatística ou se devem ao acaso. A verificação será feita através do teste chi-quadrado X^2 para associação tabular. Os dados se mostram significativos se adotarmos o nível de p -valor igual a .06, contudo, esse não é um nível de significância geralmente aceito pela literatura. É preciso levar em conta também que o tamanho da amostra não é muito grande, o que torna o trabalho de detectar o tamanho do efeito mais difícil (Ferreira & Patino, 2015). De toda forma, podemos dizer que não é possível rejeitar a hipótese nula se levarmos em consideração o nível de significância recomendado.

A segunda análise tem por objetivo compreender se os votos para a candidata mulher em contexto de políticas mais "femininas" vem, em maior parte, das respondentes mulheres. A literatura indica que mulheres eleitoras são mais atraídas por mulheres candidatas, pois as eleitoras acreditam que essas candidatas terão preocupações com temas mais importantes para as mulheres. A hipótese será

testada também através de uma análise tabular de duas variáveis com o teste chi-quadrado X^2 . Será feita uma tabela específica somente da votação das respondentes mulheres nos dois grupos de tratamento e uma tabela dos respondentes homens, para fins de comparação.

Tabela 6 - Votação dos candidatos (apenas mulheres)

	<i>trat_fem</i>	<i>trat_masc</i>	Total
Maria	45,2% (33)	53,5% (30)	48,9% (63)
Francisco	54,8% (40)	46,5% (26)	51,1% (66)
N	73	56	100%

Vemos que o padrão de votação visto anteriormente se manteve entre as respondentes mulheres, com o homem candidato recebendo mais votos no tratamento que seria de vantagem feminina e a mulher recebendo mais votos no tratamento que seria de vantagem masculina.

Tabela 7 - Votação dos candidatos (apenas homens)

	<i>trat_fem</i>	<i>trat_masc</i>	Total
Maria	41,0% (23)	56,6% (34)	49,1 % (57)
Francisco	59,0% (33)	43,4% (26)	50,1 % (59)
N	56	60	100%

O mesmo padrão ocorre nas respostas dos indivíduos homens. Agora, é preciso saber se as diferenças são significativas nesses dois casos, de respondentes mulheres e de respondentes homens. Foram feitos testes chi-quadrado nos dados das duas tabelas para testar a significância. Novamente o valor adotado como critério foi o de p -value .05. Nenhum dos dois casos se mostrou significativo no teste. No caso das respondentes mulheres, o p -valor foi de .44 e no caso dos respondentes homens o p -valor foi de .13.

A próxima hipótese visa compreender se, de fato, as mulheres candidatas são percebidas como mais de esquerda que os homens. A literatura aponta que as

mulheres candidatas são sempre percebidas como mais de esquerda do que os candidatos homens, mesmo quando estão em mesmo partido. A tabela 8 nos mostra a avaliação de todos os respondentes dos dois tratamentos sobre qual candidato eles consideraram mais de esquerda

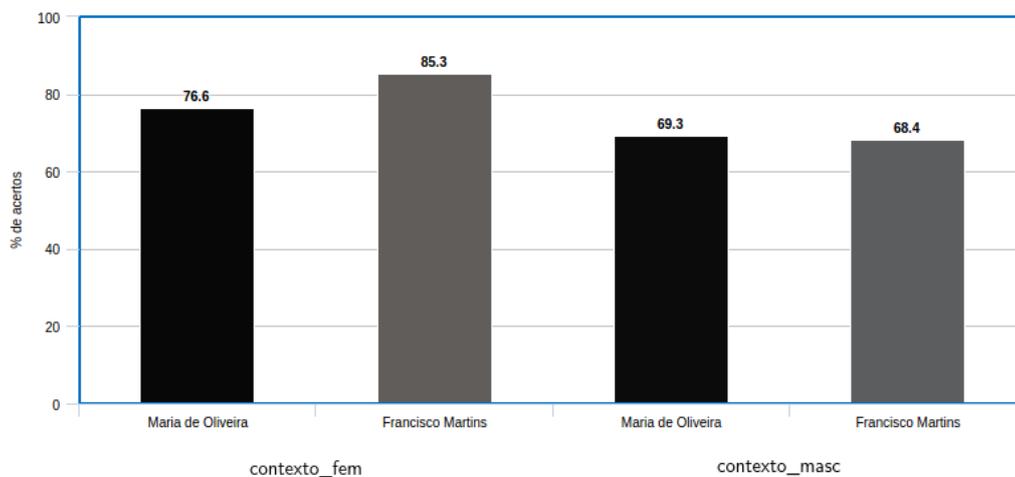
Tabela 8 - Avaliação de qual candidato é mais de esquerda

	Maria	Francisco
Porcent.	53,0%	47,0%
N	(142)	(126)

Vemos que, de fato, a mulher candidata foi percebida como mais de esquerda que o homem candidato. Ao todo, 53,0% dos respondentes avaliaram Maria de Oliveira como mais à esquerda e 47,0% avaliaram Francisco Martins como mais à esquerda. No entanto, as diferenças não se mostraram significativas no teste (.17) e a hipótese nula não pode ser rejeitada.

A última hipótese a ser testada no presente trabalho é sobre como os estereótipos podem afetar a memória dos respondentes. De acordo com a literatura, as informações que estão em confluência com os estereótipos são melhor lembradas do que as informações contrárias. Dessa forma, é esperado que as propostas da mulher sejam melhor lembradas no tratamento feminino, e as propostas do homem no tratamento masculino.

Gráfico 1 - Teste de memória sobre propostas dos candidatos



Novamente percebemos que o efeito foi contrário ao esperado. As propostas do candidato homem foram mais lembradas no tratamento feminino do que as propostas da candidata mulher. No tratamento feminino 76,6% das pessoas responderam corretamente a proposta da candidata mulher e 87,3% responderam corretamente a proposta do candidato homem, com significância de .05. Já no tratamento masculino, as propostas da candidata mulher foram mais lembradas, com 69,3%, do que as propostas do candidato homem 68,4%, porém com muito menor margem de diferença do que no tratamento feminino e não significativo (.44).

Discussão

Os estudos aplicados mostram resultados distintos. De um lado temos que os indivíduos fazem distinções de capacidades políticas e traços de personalidade entre candidatos homens e mulheres, de outro lado temos que essas percepções distintas não afetam os resultados eleitorais, ainda mais, causaram efeito contrário ao esperado, porém não significativos. Qual seria o motivo dos achados diferentes entre os estudos?

Em primeiro lugar, os achados distintos podem ser atribuídos às metodologias diferentes utilizadas em cada estudo. A maneira como foi montado o survey tinha por intenção causar a ativação dos estereótipos de gênero nos respondentes. Foi pedido para que os respondentes fizessem um julgamento de competência baseados apenas na informação de que um homem candidato ou uma mulher candidata eram as possibilidades. Nenhuma outra informação foi fornecida além disso. Entretanto, no segundo estudo o interesse era em compreender se os estereótipos seriam ativados sem a necessidade de forçar sua ativação e quais as consequências da possível ativação desses estereótipos.

A discussão sobre a diferença entre a ativação e a aplicação dos estereótipos é de muita importância em estudos sobre as consequências dos estereótipos. É comum entre os estudos de Psicologia Política que os pesquisadores assumam que os estereótipos *sempre* influenciam as avaliações sobre as candidatas mulheres de maneira *automática*. Ao assumir que os indivíduos sempre utilizam estereótipos para tomar decisões sobre as candidatas mulheres, os pesquisadores deixam de testar se a presença dos estereótipos realmente existe e focam apenas em reconhecer os efeitos dos estereótipos (Bauer, 2013).

Em contraste com a abordagem dos cientistas políticos estão os trabalhos da psicologia social, que testam o processo de *como* os estereótipos vem a influenciar os julgamentos. Esses trabalhos não começam com a suposição de que os estereótipos são ativados automaticamente, mas que a ativação depende de vários outros fatores contextuais, incluindo características pessoais do indivíduo que está tomando a decisão e características do ambiente em que o indivíduo se encontra. Dessa forma,

o processo de confiar em estereótipos para avaliar as candidatas mulheres pode ser bastante complexo e não inevitável.

Trabalhos mais atuais na área da Psicologia Política começam a pensar nos estereótipos de maneira mais aproximada a dos psicólogos sociais e encontram resultados diferenciados. Os mais importantes achados mostram que os estereótipos de gênero aplicados às mulheres num geral provavelmente não são aplicados às mulheres que se envolvem na política. Os estereótipos femininos geralmente relacionados às mulheres são relativos à beleza, intuição e afetuosidade (Diekman & Eagly, 2000), mas que são pouco pertinentes para aqueles indivíduos que se envolvem em atividades de liderança (Eagly & Carli, 2007; Koenig et al., 2011). É possível que a entrada das mulheres na arena política tenha levado os indivíduos a criarem um subtipo de estereótipo que acomode as diferenças entre mulheres "comuns" e as mulheres da vida pública (Richards & Hewstone, 2001).

Em segundo lugar, as consequências da ativação dos estereótipos também são bastante complexas. Estereótipos também podem afetar os processos mentais a partir de inconsistências entre o estereótipo e o comportamento do objeto. Teorias diferentes das utilizadas no presente trabalho argumentam que, na verdade, as informações inconsistentes com as expectativas dos estereótipos são as que mais ficam guardadas na memória. Como as informações não consistentes não conseguem ser encaixadas no sistema de crenças já existente do indivíduo, elas precisam de maior esforço cognitivo para serem processadas (Srull & Wyer, 1989). Essa é uma possível explicação para os resultados contrários encontrados nesse estudo. As propostas da candidata mulher em temas "masculinos" estavam fora do padrão esperado para o estereótipo de gênero, logo, precisaram de mais esforço para que o indivíduo pudesse processar aquelas informações. O mesmo pode ter acontecido no caso do candidato homem nas propostas de políticas "femininas".

Alguns estudos sugerem que se um comportamento inconsistente estimula um maior esforço para a explicação do porquê o comportamento ocorreu (Hastie, 1984), pode ser que também leve os indivíduos a considerarem esse comportamento em relação a outros conhecimentos mais gerais, como também, considerar fatores situacionais que podem ter provocado o comportamento (Crocker, Hannah, & Weber, 1983). Dessa forma, o julgamento não mais se baseia apenas na pessoa específica que fez ação e as expectativas relacionadas a ela, mas também em fatores externos e conhecimentos mais gerais. É possível que esse padrão de processamento ocorra com as mulheres que entram na vida pública.

Além disso, se as informações conflitantes ficam mais presentes na memória dos respondentes, isso pode explicar as votações maiores da mulher no contexto de vantagem "masculina" e do homem em contexto de vantagem "feminina". Isso se torna mais possível ainda se pensarmos que ao aumentar o esforço cognitivo para processar informações inconsistentes, os respondentes não estavam mais operando

por atalhos, mas sim, buscando conhecimentos diferentes na memória de longo prazo.

Essas reflexões levam a crer que existe a necessidade de compreender melhor como o encontro com informações estereotipadas que são inconsistentes podem influenciar o tipo de mecanismo que será utilizado pelo indivíduo para tomar decisões. Também mostram a necessidade de fazer maiores análises sobre como funciona a aplicação dos estereótipos em indivíduos que se encontram em posições sociais diferenciadas, como é o caso das mulheres políticas.

Bibliografia

Allport, Gordon Willard. *The nature of prejudice*. Basic books, 1979

Alexander, Deborah and Kristi Andersen. (1993) *AGender as a Factor in the Attribution of Leadership Traits*.@ *Political Research Quarterly* 46: 527-45.

Bauer, Nichole (2013) *Rethinking stereotype reliance, Politics and the Life Sciences*, 32(1):22-42.

Biernacki P, Waldorf D 1981. *Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling*. *Sociol Meth Res* 10: 141-163.

Bird, Karen (2004) *The Political Representation of Women and Ethnic Minorities in Established Democracies: A Framework for Comparative Research*. AMID Working Paper Series, Department of Political Science McMaster University Hamilton, Canada.

Bodenhausen, G. V., & Lichtenstein, M. (1987). *Social stereotypes and information processing strategies: The impact of task complexity*. *Journal of Personality atid Social Psychology*, 52, 871-880.

Brooks, Deborah Jordan, “Testing the double-standard for candidate emotionality: Voter reactions to the tears and anger of male and female candidates,” *Journal of Politics*, 2011, 73: 597–615.

Burrell, Barbara. (2005) “Campaign Financing: Women’s Experience in the Modern Era.” in Sue Thomas and Clyde Wilcox (ed.) *Women and Elective Office: Past, Present, and Future*. Second Edition. New York: Oxford University Press.

Burrell, Barbara and Brian Frederick. (2006) “Windows of Opportunity: Re-

cruitment Pools, Gender Politics, and Congressional Open Seats.” Paper presented at the Southern Political Science Association meeting.

Crocker J, Hannah D, Weber R. Person memory and causal attributions. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1983;44:55–66.

Diekman, Amanda B. Eagly and Alice H. , “Stereotypes as dynamic constructs: Women and men of the past, present, and future,” *Personality and Social Psychology Bulletin*, 1999, 26(10): 1171–1188.

Ditonto T., Hamilton A., Redlawsk D., (2013) Gender Stereotypes, Information Search, and Voting Behavior in Political Campaigns. *Political Behavior*, , Volume 36, Issue 2 pp 335-358.

Dodson, Debra. 2002. *Acting for Women: Is What Legislators Say, What They Do?* in *The Impact of Women in Public Office*, ed. Susan Carroll. Bloomington, IN: Indiana University Press.

Dolan, Kathleen “The impact of gender stereotyped evaluations on support for women candidates,” *Political Behavior*, 2010, 32: 69–88.

Dolan, Kathleen. 2006 . *Symbolic Mobilization? The Impact of Candidate Sex in American Elections*. *American Politics Research*.

Downs, Anthony, 1957, *An Economic Theory of Democracy*, New York : Harper.

Fiske, S. T., & Neuberg, S. (1990). A continuum model of impression formation: From category- based to individuating processes as a function of information, motivation, and attention. In M. P. Zanna (Eds.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 23, pp. 1-74). New York: Academic Press.

Fiske, A., Kitayama, S., Markus, H.R., & Nisbett, R.E. (1998). The cultural matrix of social psychology. In D. Gilbert, S. Fiske, & G. Lindzey, *The handbook of social psychology*, vol. 2 (4th ed., pp. 915–981). San Francisco: McGraw-Hill.

Fox, Richard. (2006) *Congressional Elections: Where are we on the Road to Gender Parity?*” in *Gender and Elections: Shaping the Future of American Politics* by Susan Carroll and Richard Fox (eds.) New York: Cambridge University Press.

Fox, Richard L. and Smith Eric R.A.N. , (1998) “The role of candidate sex in voter decision-making,” *Political Psychology*, 1998, 19(2): 405–419.

Fridkin, Kim L. and Kenney, Patrick J. , (2009) “The role of gender stereotypes in U.S. Senate campaigns,” *Politics and Gender*, 2009, 5: 301–329.

Gilbert, D. T., & Hixon, J. G. (1991). The trouble of thinking: Activation and application of stereotypic beliefs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 509–517.

Hamilton, David, Sherman S., Ruvolo C. (1990) Stereotype-Based Expectancies: Effects on Information Processing and Social Behavior. *Journal of Social Issues*, Volume 46, Issue 2, pp. 35-60.

Hamilton, D. L., Driscoll, D. M., & Worth, L. T. (1989). Cognitive organization of impressions: Effects of incongruity in complex representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 925-938

Hamilton, D. L., & Trolie, T. K. (1986). Stereotypes and stereotyping: An overview of the cognitive approach. In J. Dovidio & S. L. Gaertner (Eds.), *Prejudice, discrimination, and racism* (pp. 127-163). New York: Academic Press.

Hernson, P., Lay, C., & Stokes, A. (2003). Women running as women: Candidates’ gender, campaign issues, and voter targeting strategies. *Journal of Politics*, 65, 244-255.

Huddy, Leonie and Capelos, Teresa , “Gender stereotyping and candidate evaluation: Good news and bad news for women politicians,” in *The Social Psychology of Politics*, eds. Victor C. Ottati, R. Scott Tindale, John Edwards, Fred B. Bryant, Linda Heath, Yolanda Suarez-Balcazar, and Posavac Emil J. (New York: Kluwer Publishers, 2002).

Huddy, Leonie and Nayda Terkildsen. (1993a). A Gender Stereotypes and the Perception of Male and Female Candidates. @ *American Journal of Political Science* 37: 119-47.

Kahn, Kim Fridkin. 1992. A Does Being Male Help? An Investigation of the Effects of Candidate Gender and Campaign Coverage on Evaluations of U.S. Senate Candidates. @ *Journal of Politics* 54: 497-517.

Kimura, K. (1972) *Hito to hito to no aida/Interpersonal relationships*, Tokyo: Kobundo.

King, David and Richard Matland. 1999. *Partisanship and the Impact of Candidate Gender in Congressional Elections: Results of an Experiment*. Paper presented at the Women Transforming Congress conference, Carl Albert Center, University of Oklahoma.

Koch, Jeffrey. 2002. *Gender Stereotypes and Citizens' Impression of House Candidates Ideological Orientations*. *American Journal of Political Science* 46: 453-62.

Koenig, Anne M. , Eagly, Alice H. , Abigail A. Mitchell, and Tina Ristikari, "Are leader stereotypes masculine? A meta-analysis of three research paradigms?" *Psychological Bulletin*, 2011, 137(4): 616–642.

Koch, Jeffrey. 2000. *Do Citizens Apply Gender Stereotypes to Infer Candidates Ideological Orientations?* *Journal of Politics* 62: 414-29.

Kunda, Ziva & Spencer, Steven (2003) *When Do Stereotypes Come to Mind and When Do They Color Judgment? A Goal-Based Theoretical Framework for Stereotype Activation and Application*. *Psychological Bulletin*, Vol. 129, No. 4, 522–544

Lawless, Jennifer and Richard Fox. (2005) *It Takes A Candidate: Why Women Don't Run for Political Office*. New York: Cambridge University Press.

Lawless, Jennifer. 2004. "Women, War, and Winning Elections: Gender Stereotyping in the post-September 11th Era." *Political Research Quarterly* 57: 479-490.

Leeper, Mark. (1991) *The Impact of Prejudice on Female Candidates: An Experimental Look at Voter Inference*. *American Politics Quarterly* 19: 248-61.

Macrae, C. N., Bodenhausen, G. V., Milne, A. B., & Jetten, J. (1994). *Out of mind but back in sight: Stereotypes on the rebound*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 808–817

McDermott, Monika. 1998. *Voting Cues in Low-Information Elections: Candidate Gender as a Social Information Variable in Contemporary United States Elections*. *American Journal of Political Science* 41: 270-283.

Milton Lodge, Marco R. Steenbergen and Shawn Brau, The Responsive Voter: Campaign Information and the Dynamics of Candidate Evaluation, *The American Political Science Review* Vol. 89, No. 2 (Jun., 1995), pp. 309-326

Niven, David. (1998) A Party Elites and Women Candidates: The Shape of Bias. *Women and Politics* 19: 57-80.

Paolino, Phillip. 1995. A Group-Salient Issues and Group Representation: Support for Women Candidates in the 1992 Senate Elections. @ *American Journal of Political Science*, 39: 294-313.

Plutzer, Eric and John Zipp. 1996. A Identity Politics, Partisanship, and Voting for Women Candidates. @ *Public Opinion Quarterly*, 60:30-57.

Sanbonmatsu, Kira. (2002a). "Political Parties and the Recruitment of Women to State Legislatures." *Journal of Politics* 64: 791-809.

Sears, D. O., Huddy, L., & Jervis, R. (2003). *Oxford Handbook of Political Psychology*. Oxford: University Press.

Seltzer, Richard, Jody Newman, and Melissa Leighton. (1997) *Sex as a Political Variable: Women as Candidates and Voters in U.S. Elections*. (Boulder, CO: Lynne Rienner, 1997).

Schneider, D. J., & Blankmeyer, B. L. (1983). Prototype salience and implicit personality theories. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 712-722.

Srull, T. K., & Wyer, R. S. (1989). Person memory and judgment. *Psychological Review*, 96, 58 – 83.

Tosi, H. L., & Einbender, S. W (1985). The effects of the type and amount of information in sex discrimination research: A meta-analysis. *Academy of Management Journal*, 28, 712-723.

Witt, L., Paget, K., & Matthews, G. (1994). *Running as women: Gender and power in American politics*. New York, NY: The Free Press.

Zoeë Richards, Miles Hewstone, 2001, *Subtyping and Subgrouping: Processes for the Prevention and Promotion of Stereotype Change*, *Personality and Social*

Anexo 1 - Questionários Estudo 1

Em cada uma das políticas públicas abaixo listadas, indique, na sua opinião, se o trabalho seria melhor realizado por um candidato homem ou por uma candidata mulher:

(Sabemos que candidatos homens e mulheres podem fazer um bom trabalho com qualquer uma das políticas abaixo, mas como seria se você **tivesse** que escolher?)

	Candidato homem	Candidata mulher
Educação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Segurança nas Fronteiras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Redução da Pobreza	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Saúde	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Violência Urbana	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agricultura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Política Externa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Forças Armadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dívida Pública	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Agora, me diga se você associa as palavras listadas abaixo mais com um candidato homem ou com uma candidata mulher:

(Também sabemos que homens e mulheres podem ser associados com qualquer uma das palavras abaixo, mas novamente, como seria se você **tivesse** que escolher?)

	Candidato homem	Candidata mulher
Honestidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Racionalidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Liderança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Independência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agressividade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Passividade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Força	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estabilidade Emocional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Compaixão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Anexo 2 - Tabelas Estudo 2

Tabela 2a - Competências Políticas dos Candidatos
(Apenas respondentes mulheres)

	Mulher	Homem
Vantagem Feminina		
Educação (F)	95,50%	4,49%
Saúde (F)	94,38%	5,61%
Red. da Pobreza (F)	91,01%	8,89%
Política Externa (M)	78,65%	21,34%
Dívida Pública (F)	71,91%	28,08%
Violência Urbana (M)	62,92%	37,07%
Agricultura (M)	51,68%	48,31%
Vantagem Masculina		
Seg. nas Fronteiras (M)	35,95%	64,04%
Forças Armadas (M)	35,95%	64,04%

N=89

Tabela 2b - Competências Políticas dos Candidatos
(Apenas respondentes homens)

	Mulher	Homem
Vantagem Feminina		
Educação (F)	91,02%	8,97%
Red. da Pobreza (F)	85,89%	14,10%
Saúde (F)	85,89%	14,10%
Dívida Pública (F)	66,66%	33,33%
Política Externa (M)	52,56%	47,43%
Vantagem Masculina		
Seg. nas Fronteiras (M)	20,51%	79,48%
Forças Armadas (M)	23,07%	76,92%
Agricultura (M)	34,61%	65,38%
Violência Urbana (M)	37,17%	62,82%

N=78

Tabela 3a - Traços de Personalidade dos Candidatos
(Apenas respondentes mulheres)

	Mulher	Homem
Vantagem Feminina		
Compaixão (F)	96,62%	3,37%
Honestidade (F)	94,38%	5,61%
Independência (F)	74,15 %	25,84%
Liderança (M)	69,66%	30,33%
Racionalidade (M)	61,79%	38,20%
Força (M)	62,92%	37,07%
Passividade (F)	60,67%	39,32%
Est. Emocional (M)	57,30%	42,69%
Vantagem Masculina		
Agressividade (M)	12,35%	87,64%

N=89

Tabela 3b - Traços de Personalidade dos Candidatos
(Apenas respondentes homens)

	Mulher	Homem
Vantagem Feminina		
Compaixão (F)	93,58%	6,41%
Honestidade (F)	83,33%	16,66%
Passividade (F)	75,64%	24,35%
Independência (F)	57,69 %	42,30%
Vantagem Masculina		
Agressividade (M)	15,38%	84,61%
Força (M)	20,51%	79,48%
Liderança (M)	32,05%	67,94%
Racionalidade (M)	43,58%	56,41%
Est. Emocional (M)	47,43%	52,56%

N=78

Anexo 3 - Artigos de Jornal do Experimento

(Artigo contexto_fem)

Diário de Notícias

TERÇA-FEIRA, 20 DE SETEMBRO DE 2016

ELEIÇÕES 2016



Uma cidade brasileira tem chamado muita atenção nas eleições municipais de 2016 pela corrida acirrada entre dois candidatos a prefeito da cidade. Três grandes problemas enfrentados pela cidade ficaram em maior evidência nos debates entre os candidatos.

O primeiro problema é a questão da saúde. A cidade é a 3ª capital que menos investe em saúde no país. Conforme dados de 2016, o investimento médio per capita foi de R\$ 322,91 no ano - o que representa R\$ 0,88 ao dia/por pessoa. Além disso, na cidade, o número de leitos para o atendimento dos moradores é de apenas 1,7 a cada 800 mil habitantes, também a terceira menor entre as capitais do Brasil.

O segundo grande problema enfrentado pela cidade é na educação. As escolas enfrentam sérios problemas de infraestrutura. Boa parte das escolas estão com lixos acumulados e excesso de alunos nas salas de aula, em especial as escolas da área rural. Além disso, várias escolas possuem problemas na rede elétrica, dificultando a rotina dos professores, alunos e administradores.

O terceiro maior problema é a quantidade de pessoas vivendo em situação de pobreza na cidade. Segundo dados da Procuradoria-Geral do Estado, são cerca de 130 mil pessoas vivendo em condição de extrema pobreza. Ao todo, 40% da população do Estado vive em situação de pobreza (22%) ou extrema pobreza (18%).

(Artigo contexto_masc)

Diário de Notícias

TERÇA-FEIRA, 20 DE SETEMBRO DE 2016

ELEIÇÕES 2016



Uma capital brasileira tem chamado muita atenção nas eleições municipais de 2016 pela corrida acirrada entre dois principais candidatos a prefeito da cidade. Três grandes problemas ficaram em maior evidência nos debates entre os candidatos.

O primeiro grande problema é a questão da violência. Com uma população estimada de 370,5 mil habitantes, segundo dados do IBGE, a cidade registrou em 2014 uma taxa de 36,5 crimes violentos a cada 100 mil habitantes. Esse índice colocou a capital em 15º lugar no ranking de registros de crimes violentos nas capitais brasileiras.

O segundo problema é com a segurança nas fronteiras da cidade. O Estado onde a cidade se localiza tem fronteira com a Bolívia. Os municípios que ficam mais próximos à fronteira tiveram que receber, em 2016, reforço nas polícias civil e militar por conta do alto índice de criminalidade nessas regiões. A operação mais imediata consistiu em reforçar o combate aos roubos de veículos levados pelos assaltantes para a Bolívia.

O terceiro maior problema é o mal aproveitamento das terras para a agricultura. A cidade tem 25% de seus mais de oito milhões de quilômetros quadrados transformados em área aproveitável para o agronegócio. Desse total, apenas 1,4% são utilizados pela agricultura. Especialistas dizem que é necessário que o governo promova políticas de incentivo a agricultura na cidade.